

Aspectos das relações econômicas existentes entre as Capitânicas de Sergipe Del Rey e a da Baía de Todos os Santos

RAFAEL RIBEIRO*

RESUMO.

Este texto tem como objetivo identificar alguns aspectos econômicos existentes entre as Capitânicas de Sergipe Del Rey e a Baía de Todos os Santos, incluindo redes comerciais entre as mesmas, dentre elas o tráfico de escravizados africanos, as trocas de mercadorias como o tabaco, e a farinha de mandioca, como também as relações sociais, através do Convento da Soledade na Cidade de Salvador.

A ECONOMIA DAS CAPITANIAS.

Um dos autores que trabalha com a economia nas capitânicas é o autor Stuart Schwartz, que no livro *Segredos Internos* faz um estudo amplo abrangendo a Capitania da Baía de Todos os Santos e a de Sergipe Del Rey. Dentre os temas tratados estão a sociedade e suas relações; escravidão, economia agrária pautada sobretudo no cultivo de cana de açúcar, para o fabrico e exportação da açúcar.

A Capitania da Bahia de Todos os Santos teve uma importância enorme para o Brasil tanto que no prefácio do seu livro Schwartz cita a região como “[...] Uma das principais áreas de grande lavoura e um importante ponto terminal do tráfico atlântico de escravos [...]” (SCHWARTZ, 1988.p 09). Sendo este uns dos motivos que levou o autor a focar os estudos nesta região.

O autor Barickman, no seu livro, *Um contraponto baiano*, estuda alguns aspectos da econômica da Bahia, e em específico a região do recôncavo baiano incluindo a agricultura

*Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Campus XVIII, Eunápolis-Bahia. Orientadora, M^a Joceneide Cunha dos Santos. Projeto de Inicialização Científica. Nas duas margens do Rio Real: um estudo sobre as relações econômicas existentes entre as Capitânicas da Baía de Todos os Santos e a de Sergipe Del Rey nos Setecentos Financiado Pela Fapesb.

destinada à exportação e a voltada para o mercado interno. O recôncavo Baiano juntamente com Salvador precisava de um grande fornecimento de farinha de mandioca dentre outros alimentos, para alimentar a população local, os escravos, afim de aumentar a agroexportação. (BARICKMAN, 2003). O Autor também mostra a importância do fumo, o qual foi usado como moeda de troca no mercado de escravos.

Um ponto em comum entre os dois livros e a importância e as dinâmicas das produções de cana-de-açúcar para o fabrico do açúcar para exportação, tabaco como uma das moedas de trocas no mercado de escravos, e a farinha de mandioca produto usado na alimentação e no comércio local, para a economia das Capitânicas, e como essas culturas contribuíram para o desenvolvimento local. As culturas citadas anteriormente eram muito importantes e tinham grande valor, de mercado sendo grande e crescente a produção, e comercialização. A exemplo, dos números apresentados por Barickman onde as exportações de cana-de-açúcar, tabaco, e farinha de mandioca entre anos de 1796 a 1860 representavam 90% do valor total de seu comércio exterior. (BARICKMAN, 1958. p. 52)

As plantações, de tabaco, mandioca, cana-de-açúcar, geravam além da venda direta do produto, com os donos de fazenda lucrando mais, mercados, armazéns, hospedarias, foram sendo construídas e ampliadas com o lucro das plantações. “[...] Nos bons tempos, as exportações de açúcar, fumo e café podiam render excelentes lucros para os comerciantes de Salvador e para os senhores de engenho e lavradores do Recôncavo [...]” (BARICKMAN, 1998: 88).

A demografia da cidade de Salvador também é um exemplo do crescimento das plantações e como elas afetaram a geografia da região, segundo Barickman, entre 1706 e 1768 a população cresceu de 33.635 mil habitantes aproximadamente para 108.138 habitantes, com as plantações em alta, mais escravos foram comprados, ampliando o tráfico negreiro na região. (BARICKMAN, 1998, 97)

Não era só economicamente que as Capitânicas estavam ligadas, estavam ligadas socialmente. O autor Luiz Mott em seu artigo *Sergipanas no Convento da Soledade da Bahia* fez uma análise dos nomes das famílias das moças que ingressaram no convento na Bahia. Dentre essas moças podem ser citadas, Irmã Beatriz Maria de Jesus a segunda regente do convento

que era filha do proprietário João Batista Correia e de Antônia dos Santos Siqueira pode também ser citadas cinco filhas do rico proprietário de engenhos da Cotinguiba, Leandro Ribeiro Siquera e de D. Maria Diniz de Mello (MOTT, 1992. .p. 94-96)

Segundo a autora Adínia Santana Ferreira em sua dissertação de mestrado, entre os vários motivos do ingresso dessas jovens, era a quantidade de filhas que uma família tinha que tonava caro demais o pagamento do dote, então os pais enviavam as filhas para o convento, ou também para “guardar” a moça até a o casamento, ou como forma de dar uma melhor educação para as filhas. (FERREIRA, 2006: 19),

Mas com o tempo para entrar no convento os pais tinha que pagar a entrada das jovens no convento, uma espécie de dote, “[...] Significativamente, a exigência do dote para a entrada foi critério primeiro para assegurar a diferenciação demandada pelas famílias [...]” (FERREIRA, 2006: 20), a diferença do dote para o casamento do dote para a entrada no convento era que este último o valor era menor, em caso de muita pobreza da jovem o pagamento era dispensado. O pagamento era a forma de pagar as despesas das jovens no convento, e também uma forma de renda, para o mesmo, essa e umas das explicações do por que alguns conventos emprestavam dinheiro a outras pessoas. Depois de algum tempo o pagamento das despesas se tornou obrigatória o que restringiu o numero de jovens que poderiam entrar para o convento,

Outro motivo apontado pela autora citada anteriormente como motivo para o ingresso de jovens no convento era por status e prestígio para família, pois quanto maior o prestígio e a posição hierárquica do Convento, maior também o prestígio das famílias que tinham suas jovens no convento. Por isso e muito comum encontrar jovens da mesma cidade ou vila, no convento, sendo que em muitas vezes suas famílias se conheciam ou tinham relações econômicas, um terceiro motivo para o ingresso no convento era por vocação. (FERREIRA, 2006: 22-23),

Ou seja, diversas eram as relações, entre a Capitania da Baía e a de Sergipe, as pessoas que moravam nas duas capitanias estavam ligadas comercialmente, na compra e venda de propriedades e mercadorias, mas também ligadas socialmente, por isso que muitos

negociantes, donos de engenhos, são citados em registros jurídicos nas duas capitanias, e nos registros dos conventos.

A METODOLOGIA DE PESQUISA

Foram feitas leituras bibliográficas, bem como a leitura de documentos. Dentre as leituras de cunho bibliográfico, posso citar alguns artigos da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe que nos ajuda a compreender a Capitania de Sergipe e os autores já citados. Em relação as fontes históricas foram diversas incluindo as impressas e manuscritas dentre as primeiras está o Novo Orbe Seráfico Brasileiro, que abordam a ação missionária da Ordem Franciscana no Brasil Colonial (1500-1822) e os documentos do Arquivo Judiciário de Sergipe e do APEB.

A documentação do Arquivo Geral do Judiciário de Sergipe que está sendo utilizada, sobretudo os livros de notas, tem como principais temas; a compra e venda de produtos e terras, alforrias de escravos, declaração de arrendamento entre outros assuntos. Já os documentos do APEB têm como temas mais encontrados: a entrada de bandos armados, nas cidades e vilas, a entrada também de herdeiros armados na cidade para reclamarem os seus bens. Esses documentos foram digitalizados e estão sendo transcritos, e em seguida analisados.

A metodologia utilizada é a proposta por Ginsburg. No capítulo, Sinais. Raízes de Um Paradigma, ele inaugura um novo paradigma, o intitulado o Paradigma Indiciário, que propõe a observação, investigação, nenhum detalhe deve ser descartado pelo pesquisador, os pequenos fragmentos de vários documentos podem ser úteis ao pesquisador “[...] é necessário examinar os pormenores mais negligenciáveis, e menos influenciados pelas características da escola [...]” (GINSBURG, 1989: 144). O pesquisador deve analisar todos os detalhes, nada e descartável, e tudo pode ser usado como fonte, jornal, revista, imagens, cinema.

Como exemplo desses “pequenos pedaços” usarei como exemplo uma nota de procuração no livro de notas do Arquivo Geral Do Judiciário De Sergipe que permitiu entre outras análises, o observar a questão da alfabetização das pessoas e o domínio da escrita e da leitura no século XVIII, na nota em questão, a mesma palavra e escrita de forma diferente “procuração” ou “procuraçam”, pode indicar entre outros vários motivos uma deficiência na

alfabetização, ou um número baixo de alfabetização, ou mesmo uma mudança na grafia das palavras. Mostrando que mesmo sabendo ler e escrever muitas pessoas não dominavam completamente a escrita e a leitura. O tipo de letra também mostra muito da sociedade como escrevia os motivos de escrever, sendo a profissão de tabelião muito importante.

O tabelião era indicado pela Coroa o cargo era vitalício, o que facilita no estudo dos documentos, pois a letra é muito diferente da nossa, a forma de grafia das letras se alterou aos longos dos anos, algumas palavras nas notas terminam com “m” exemplo de são que na nota aparece como “sam” ou “Asinam” ao invés de “assinam”. Mas ressaltando que este não é o foco da pesquisa mais algo que chamou a atenção durante a pesquisa.

Como se pode observar apenas com uma palavra que chamou a atenção, o pesquisador pode puxar temas como a alfabetização, como as palavras eram escritas em uma determinada época às dinâmicas, dos cargos públicos, entre outros temas que podem chamar a atenção do pesquisador.

A ECONOMIA: PRODUTOS E REDES DE COMÉRCIO.

Os produtos mais comercializados nas capitanias de Sergipe Del Rey e Bahia de Todos os Santos no período do setecentos eram tabaco, açúcar, gado e farinha de mandioca e interessante ressaltar que nos documentos lidos e transcritos e citado também ouro e prata.

Como estamos falando de uma relação entre as Capitanias, foi possível também, encontrar uma rede em comum de comércio, a exemplo dos senhores Adriano, Antunes Ferreira, Inácio, eram os procuradores dos senhores Joam Matos, e do Tenente Ferreira de Carvalho, da Capitania de Sergipe Del Rey. Os procuradores faziam compra e venda de mercadorias na Bahia ou compravam as dívidas, no caso dos senhores citados acima, comercializavam ouro, prata, tabaco, e escravos para o Tenente Ferreira de Carvalho. Para o senhor Joam Matos os citados procuradores deveriam, cobrar, receber, vender, na Cidade de Salvador da Baía de todos os Santos a diferença aqui e que além dos produtos já citados acima, o Senhor Joam Matos também negociava gado, além da compra de letras tendo um

procurador também em Sergipe o que demonstra ter uma boa rede de comércio. (Livro de Notas - São Cristóvão CX. 02.53 – 1792)

Muitos senhores de engenho não saíam de suas localidades cabendo aos procuradores fazerem as cobranças e as compras e venda de mercadorias, o que aumentava ainda mais o poder dos comerciantes, que poderiam comercializar com vários senhores de engenho ao mesmo tempo.

Além dos produtos mais comercializados tabaco, farinha de mandioca, açúcar, outros produtos também circulavam, dentre eles ouro e prata, gado, escravos comprovando o forte mercado entre as Capitanias, além de contribuir para aumentar a renda dos senhores de engenho, e da Coroa com a arrecadação de impostos. O pagamento na maioria das vezes não era feito “a vista”. Na maioria dos casos analisados a forma de pagamento era realizado com uma “entrada” e o restante com pagamentos com parcelas anuais, em alguns casos com cobrança de juros pagamentos também poderiam ser feitos com prata ou ouro.

A prática de hipotecar bens também servia como forma de garantia caso o pagamento não fosse feito, como no exemplo do senhor José Pereira, devia ao senhor Jose de Brito a quantia de cinquenta mil reis o pagamento estava marcado para janeiro de 1792, mas para segurança da dívida, hipotecou um sítio e um escravo angola, de nome Joam, caso o pagamento não fosse feito o senhor Adriano de Meneses ficaria como principal fiador. Ou seja, as notas, a hipoteca e o fiador eram mecanismo de cobrança e garantia de pagamentos das dívidas, mostrando uma estrutura jurídica, na administração dos débitos. (Livro de Notas - São Cristóvão CX. 02.53 – 1792)

Um ponto desta nota está na importância do engenho, e como ele era usado, sendo que era mais fácil comprar um engenho pronto do que construir, Barickman explica que um dos motivos para essa dificuldade estava na aquisição de terras, uma das dificuldades era encontrar terras cultiváveis “[...] um relatório preparado em 1790 por Joaquim de Amorim Castro, ouvidor de Cachoeira, deixa claro que ainda restavam matas por toda a região [...]”, ou seja, a pessoa teria que desmatar a terra para construir o engenho e começar a plantação. As terras devolutas eram usurpadas pelos grandes proprietários de terra principalmente depois de 1822 com o fim da concessão das sesmarias.

O arrendamento de terras também era uma forma de se obter lucro, principalmente sem ter que montar um engenho, ainda usando livro de notas do Arquivo Geral Do Judiciário De Sergipe. Em 26 de julho de 1792, o Reverendo Padre Beneditino Pinto da Silveira, contratou o Sargento Mor Coelho e Melo e sua mulher Dora Maria Fernandes, para trabalharem nas terras arrendadas do senhor Timotheo Fagundes de Sã, o arrendamento foi feito pelo valor de duzentos e vinte cinco mil contos de reis, e depois a cada um ano de contrato, que inicialmente era de seis anos, seria os pagamentos seria a metade da produção.

Tanto o contratado como o contratante, lucrariam com a terra, esse modelo de comercio. Os documentos lidos para este trabalho também apresentam um caráter de preocupação em relação à segurança pública, tentativas de evitar os contrabandos e falcatruas e o cumprimento das leis, como também a ação de herdeiros querendo seus diretos.

Um nome que chamou a atenção e o do criminoso Cyrillo do Nascimento, acusado de roubos públicos, roubo de “letras defuntas” e de porte de armas proibidas, além de ser relatada como violento e desumano, e relatada também a fuga do criminoso da cadeia onde estava preso, na nota também mostra a preocupação e a pressa de pendê-lo o mais rápido possível. (APEB - Maço 201-56).

Em outros documentos, aparecem pedidos de ajuda, tanto para aumentar o efetivo de homens para proteger a cidade, como auxilio para a manutenção dos homens armados que já existem, como exemplo do Requerimento do Ouvidor Mor Antônio Soares Pinto, ao rei D. João, o qual expressa a necessidade de agir com rigor, pois, esses bandos armados, causam mortes e prejuízos.

Outro motivo comum de prisão na capitania de Sergipe Del Rey era o não pagamento de dividas, a exemplo do senhor Francisco Trindade que tinha divida a pagar, não pagando essas dividas ficou preso por mais de um ano. Mas em outro documento aparece novamente o Senhor Francisco Trindade, nesta nota a prisão dele e citada como incorreta pois ele tinha bens que podiam ser tomados para o pagamento da divida, mas também e citado que o preso em questão fugi-o que mostra que as prisões não eram muito seguras. (APEB Maço 211-11)

A ação de herdeiros reclamando seus bens de direitos, a principal preocupação pois, esses herdeiros, estavam armados, e com vários homens a mando deles, em alguns casos e citado, violência física contra o testamenteiro, pois discordavam com a divisão dos bens.

Com uma análise prévia dessas documentos podemos observar várias características das notas do Arquivo Judiciário de Sergipe, a ortografia, a religiosidade, e alguns tipos de transações comerciais entre as Capitânicas que negociavam além do açúcar o tabaco. A rede de comercio entre compradores e vendedores, que em muitos casos não saiam de suas casas, para fazer os negócios, alguns vendiam suas dividas ou encomendavam produtos para que outras pessoas fizessem o comercio como no caso dos senhores Adriano, Antunes Ferreira, Inácio que eram procuradores o Senhor Tenente Ferreira de Carvalho.

Um ponto bastante interessante na pesquisa são a influencia que as culturas, do tabaco, cana-de-açúcar, aumentaram o comercio local, novos produtos começaram a circular, com a circulação de mercados novas vilas e cidades foram criadas e ampliadas, influenciaram na vida social, donos de fazendas, engenhos, que tinha suas filhas em conventos com um Status alto na comunidade também aumentava a influência da família, já que os mais conceituados conventos só aceitavam jovens depois do pagamento do “dote”.

Referencias Bibliográficas

BACELLAR, Carlos. Fontes Documentais. Uso e Mau Uso dos Arquivos. IN. Fontes Históricas. Carla Bassanezi Pinsky. (Org.). Contexto, São Paulo 2010. pp.23 à 79

BARICHMAN, B. J. Um contraponto baiano: açúcar, fumo, mandioca escravidão no Recôncavo, 1780-1860. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DIAS, Erika Simone de Almeida Carlos. Império, Administração E Poder No Brasil Colonial: Notas Historiográficas. Revista Ultimares. Dossiê Nº 1, Vol.1, Jan-Jul/2012

FERREIRA, Adínia Santana. A Reclusão Feminina no convento da Soledade: As diversas Faces de Uma Experiência (Salvador – Século XVIII). 2006 Pg. 156. Dissertação de Pós-

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

Graduação. Universidade de Brasília Instituto de Ciências Humanas Departamento de História
Programa de Pós-Graduação. Brasília 2006

FURTADO, Júnia Ferreira. Teias de Negócio: Conexões mercantis entre as Minas de ouro e a Bahia, durante o século XVIII IN: Nas Rotas do Império. João Fragoso... [et. al.], organizadores – Vitória. Edufes: Lisboa: IICT. 2006, P. 165 a 192.

GINZBURG, Carlo. Sinais. Raízes de Um Paradigma Indiciário. IN Mitos, Emblemas, Sinais. Carlo Ginzburg. Tradução de Federico Carotti. Companhia das Letras, São Paulo, 1989 Pg. 143 a 179.

GRUPO EDITORIAL RECORD. Entrevista - O contraponto baiano. Record. Disponível em < http://www.record.com.br/autor_entrevista.asp?id_autor=2933&id_entrevista=80> Acessado em 14/06/2013

JABOATAN, Antonio de Santa Maria. Novo Orbe Seráfico Brasileiro. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Ano II - 1914 - Fascículo I – Vol. II

MOTT. Luiz. Sergipanas no Convento da Soledade da Bahia Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Nº 31 Ano 1992

SCHWARTZ, Stuart B. Segredos Internos. Engenhos e Escravos na Sociedade Colonial Tradução Laura Teixeira Motta. Companhia das Letras. 1988.

Livra de Notas do Arquivo Judiciário.